

GRANTA

PORTUGAL | I



GRANTA

NÚMERO 1

Eu



GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORA Bárbara Bulhosa
DIRECTOR Carlos Vaz Marques
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO Inês Hugon
ASSISTENTE EDITORIAL Madalena Alfaia
DIRECÇÃO GRÁFICA Vera Tavares
PAGINAÇÃO Pedro Serpa
PUBLICIDADE Rute Dias
ASSINATURAS Joaquim Massano

© Daniel Blaufuks, Dulce Maria Cardoso, Hélia Correia,
Afonso Cruz, Ricardo Felner, Valter Hugo Mãe,
Rui Cardoso Martins, Valério Romão, Vera Tavares
Memórias do filho de um contrabandista © 1992, Saul Bellow
Rescaldo © 2011, Rachel Cusk
Diário de um fumador © Simon Gray
Esboço para um livro © 1997, Ryszard Kapuściński
Gente famosa © 1999, Orhan Pamuk
© capa de Daniel Blaufuks

Publicado sob licença de Granta Publications,
12 Addison Avenue, London W11 4QR
© 2013, Granta Publications
© 2013, Edições Tinta-da-china

ISSN 2182-9136

R. João de Freitas Branco, 35A | 1500-627 Lisboa | Portugal
Tels. (00351) 21 726 90 28/9 | email: granta@tintadachina.pt

ÍNDICE

- 7 **Editorial**
Carlos Vaz Marques
- 11 **Em busca d'eus desconhecidos**
Dulce Maria Cardoso
- 25 **À medida que fomos recuperando a mãe**
Valério Romão
- 37 **Memórias do filho de um contrabandista**
Saul Bellow
- 69 **Intervencionados**
Hélia Correia
- 83 **Mar negro**
Ricardo Felner
- 95 **Como se eu fluísse...**
Fernando Pessoa
- 119 **Esboço para um livro**
Ryszard Kapuściński
- 139 **Jazz, rosas e andorinhas**
Afonso Cruz
- 153 **Fragmentos de dias perdidos**
Daniel Blaufuks
- 169 **Diário de um fumador**
Simon Gray
- 217 **Espelho da água**
Rui Cardoso Martins
- 235 **Gente famosa**
Orhan Pamuk
- 263 **Rescaldo**
Rachel Cusk
- 289 **Ter medo**
Valter Hugo Mãe
- 300 Autores

GRANTA

JAZZ, ROSAS
E ANDORINHAS

Afonso Cruz



No dia em que se separaram, Erik Gould abriu a porta da rua, lentamente, e saiu para o jardim. Ficou parado em frente aos canteiros de flores. Tirou o cinto, despiu as calças, depois a camisola de lã, depois a camisola interior, depois as meias. Ficou nu no meio das flores. Debruçou-se e rasgou as mãos no canteiro das rosas. Abraçou-as, acariciou-as até sangrar das mãos, dos braços, do peito, dos lábios, do sexo, da cara, até não poder mais com a dor espetada na carne.

Voltou para casa e regou o corpo com álcool enquanto gritava. Deitou-se de seguida e dormiu mais de dezoito horas. Acordou com dores no corpo todo, a espremerem-lhe a carne como se faz sumo. As feridas causadas pelos espinhos das rosas acabaram por cicatrizar passado uma semana e desapareceram. Gould não pensava em outra coisa que não fosse a sua mulher e assim continuou, como se as feridas das rosas afinal nunca mais desaparecessem. As unhas dos pés apodreceram, a sua imaginação caiu como as maçãs demasiado maduras, as notas do piano soavam a mofo. As teclas eram para bater em vez de tocar. Sentava-se ao piano, contudo, e pensava que seria possível tocar como os encantadores de serpentes, fazer com que a sua mulher voltasse. Por vezes tocava mais de um dia sem parar. Os sonhos de Gould eram uma forma de Elizaveta se deitar dentro da sua cabeça. Não pensava em mais nada que não fosse Elizaveta.

Os anos sucediam-se, eram cicatrizes de trezentos e sessenta e tal dias, mas a sua esperança não diminuía. Apagava cigarros no braço e sentia que essa dor era uma espécie de alegria. Quando saía, mesmo que a ausência não fosse maior do que alguns minutos, telefonava para casa. Parava em todo o lado onde houvesse um

telefone e marcava o número da sua própria casa. Ouvia o sinal e desligava quando ninguém atendia. Acreditava que Elizaveta pudesse voltar quando ele não estivesse em casa para a receber e a beijar dos pés até ao coração.

Gould sentou-se num cadeirão, acendeu um cigarro. O cadeirão era confortável, apanhava-lhe as costas como uma mãe, o forro tinha flores. Junto ao cadeirão havia uma janela e junto à janela havia duas nuvens e um pôr-do-sol. Ouvia bater à porta e levantou-se para atender. A sua cabeça repetia o nome de Elizaveta. Acontecia desse modo pavloviano: cada vez que alguém batia à porta, ele acreditava ser a sua mulher a voltar para casa. O coração disparava, passava as mãos nos cabelos para se pentear, cheirava as axilas. Abriu a porta com as mãos a tremer, mas era apenas um amigo seu, Isaac Dresner. Cumprimentaram-se. Dresner olhou para uma pequena mala pousada junto da porta.

— Parto amanhã para a Jugoslávia — disse-lhe Gould. — Vou tocar no Festival de Jazz de Belgrado.

Em cima do piano, havia sempre uma garrafa de brandy. Gould serviu Isaac Dresner.

— Gosto do caroço — disse o pianista.

— Caroço?

— Quando se bebe um golo de aguardente, custa a passar na garganta. É o caroço do brandy, não se vê, não é como o dos pêssegos, mas está lá.

Dresner olhou para as paredes da sala. Estavam cheias de fotografias de Elizaveta. Em cima do piano, perigosamente próxima da garrafa de brandy, estava uma moldura com a fotografia do filho de ambos. O rapaz tinha ar solene, com a farda do colégio interno.

— Encontrei ontem o teu contrabaixista — disse Dresner. — Diz que passaste o dia todo com ele, a andar pela cidade.

— Ele queria comprar um contrabaixo novo.

— E foi assim tão difícil encontrar uma loja de instrumentos musicais?

— Ele queria comprar um contrabaixo da cor do *cocker spaniel* da tia. Tinha de ser exactamente da cor que ele recordava, do mesmo tom.

— E conseguiram encontrar um contrabaixo fiel às cores do pêlo do cão?

— Não foi fácil. Entrámos em mais de dez lojas.

Dresner bebeu um golo de brandy e acendeu um cigarro.

— Sinto-me metade de um homem — disse Gould. — Deus roubou-me as unhas e é como se não tivesse alguns órgãos e alguns pensamentos e alguns sonhos. Sinto-me um pianista que só toca com uma mão, percebes? Há metades que funcionam, como, por exemplo, as meias doses nos restaurantes. Mas há outras metades que são o maior desastre, como um cirurgião que interrompe a operação a meio.

— Não fazes ideia de onde é que ela possa estar?

— Não sei de nada desde que voltou para a União Soviética. Quando penso nisso, percebo que a conhecia muito mal. Não sei quem era. Talvez seja por isso que as pessoas precisam de Deus: precisam de algo impossível de definir.

— O tempo fará com que a esqueças.

— Gostava da maneira como ela me olhava, sentia uma borboleta a pousar-me nos olhos. Às vezes até tinha vômitos. Era muito bom.

— O tempo fará com que...

— O tempo tem passado, Isaac, tem passado. E eu continuo a ser metade de mim mesmo. Até chego a rezar. Quero dizer, não sei rezar, sou infinitamente ateu, mas toco piano como se rezasse.

— Sabes, Erik, Deus não deve perceber nada de música. Acho que é um pouco surdo. Pedi-lhe uma vez que Ben M. morresse e soube, há dias, que morreu Ren N.

— Deus é o único infinito que não me interessa.

— Por acaso, eu pergunto-me como será a sua voz.

— E chegaste a alguma conclusão?

— Cheguei. É elementar: se Deus falasse, teria a voz do Johnny Cash.

— Teria voz de cantor *country*?

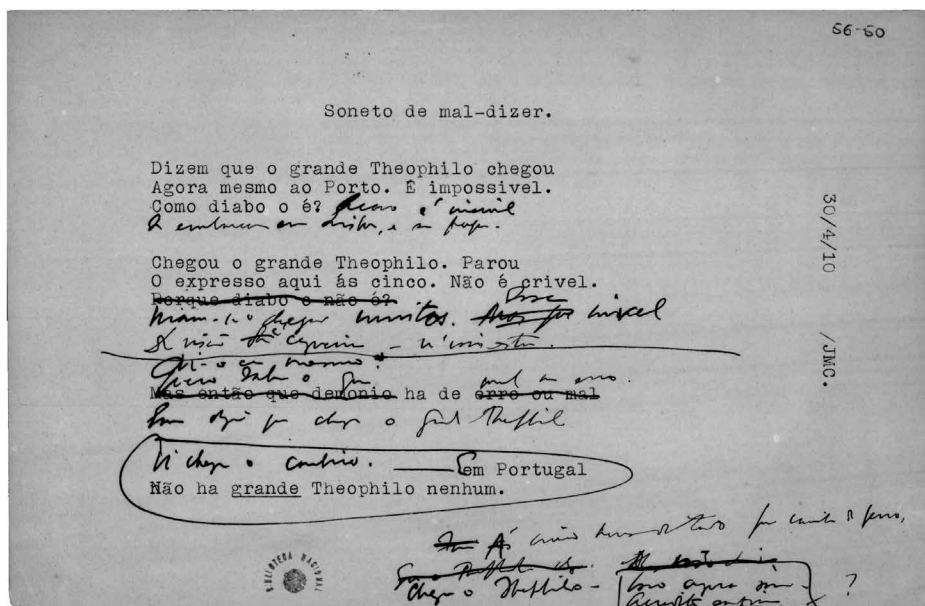
— É melhor do que voz de trovões. Isso é que ninguém aguenta.

GRANTA

COMO SE EU
FLUÍSSE...

Fernando Pessoa

EDIÇÃO: JERÓNIMO PIZARRO E CARLOS PITTELLA-LEITE

SONETO DE MAL-DIZER.¹

Dizem que o grande Theophilo² chegou
 Agora mesmo ao Porto. É impossível.
 Como diabo o é? Acaso é incrível
 Se embarcou em Lisboa, e se papou.

Chegou o grande Theophilo. Parou
 O expresso aqui às cinco. Não é crível.
 Viram-no chegar muitos. Esse imóvel
 Vi-o eu mesmo e n'isso estou.

Quero saber o que ha de mal ou erro.
 Em dizer que chegou o Grande Teophilo
 Às cinco horas da tarde por caminho de ferro,³

Chegou o Teophilo — Acredito enfim?
 Vi chegar o comboio. Em Portugal
 Não ha grande Theophilo nenhum.

30/4/10 / J[oaquim] M[oura] C[osta]

1. [56-50] Soneto inédito. Texto semi-heterônimo, atribuído a JMC, iniciais de Joaquim Moura Costa. Heterônimos, entidades mesmo diferenciadas de Pessoa, foram apenas: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Veja-se a «Tábua bibliográfica» publicada em 1928 na revista *Presença*. Agradecemos a José Barreto pelo auxílio nas decifrações deste e de outros sonetos desta antologia.

2. Theophilo deve ser Teófilo Braga (1843-1924), que em 6 de Outubro de 1910 (quatro meses após o soneto) seria nomeado presidente do Governo Provisório da República Portuguesa, recém-saído o país da revolução de 5 de Outubro de 1910, com a abdicação do rei Manuel II.

3. Este verso é alexandrino, ao passo que todos os demais são decassílabos.

AUTORES

Saul Bellow nasceu em 1915, na província canadiana do Quebec. Dois anos antes, o seu pai emigrara da Rússia com a mulher e os três filhos, indo juntar-se a família já estabelecida no Canadá. Após uma sucessão de desaires em vários negócios, a família mudou-se para Chicago em 1924. Entre as suas obras encontram-se *As Aventuras de Augie March*, *Herzog*, *Ravelstein*, *O Legado de Humboldt* ou *Jerusalém Ida e Volta*. «Memórias do filho de um contrabandista» foi escrito em 1954. Recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 1976. Saul Bellow morreu em 2005.

Daniel Blaufuks nasceu em Lisboa, em 1963, numa família de refugiados judeus alemães. A sua formação dividiu-se entre a AR.CO, o Royal College of Arts e a Watermill Foundation. Utiliza no seu trabalho a fotografia e o vídeo, apresentando o resultado através de livros, instalações e filmes. Os seus grandes temas são a ligação entre o tempo e o espaço e a representação da memória privada e pública. É autor de mais de vinte livros, entre os quais *Sob Céus Estranhos*, e foi o vencedor do Prémio BES Photo 2006.

Dulce Maria Cardoso nasceu em Trás-os-Montes, em 1964. É autora de quatro romances e um livro de contos, tendo-se estreado como romancista em 2001, com *Campo de Sangue*. Foi galardoada com vários prémios e distinções, entre os quais o Prémio da União Europeia para a Literatura, atribuído a *Os Meus Sentimentos*. O romance mais recente, *O Retorno*, foi considerado pela imprensa Livro do Ano 2011. A sua obra encontra-se traduzida em várias línguas e é estudada em diversas universidades.

Hélia Correia nasceu em Lisboa, em 1949. Poetisa e dramaturga, revelou-se enquanto ficcionista com *O Separar das Águas*. Seguiram-se outros romances, como *Lillias Fraser* e *Adoecer*. A sua escrita para teatro tem privilegiado os clássicos gregos, destacando-se, por exemplo, *Desmesura - Exercício com Medeia*. É também autora de livros infanto-juvenis, como *A Chegada de Twainy*. *A Terceira Miséria* é o seu mais recente livro de poesia. Distinguida com

diversos outros prémios, recebeu em 2013 o Prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto da sua obra.

Afonso Cruz, além de escritor, é também ilustrador, cineasta e músico da banda The Soaked Lamb. Em Julho de 1971, na Figueira da Foz, era completamente recém-nascido. Haveria, anos mais tarde, de frequentar lugares como a António Arroio, Belas-Artes de Lisboa, Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e mais de meia centena de países. Recebeu vários prémios e distinções nas diversas áreas em que trabalha, vive no campo e gosta de cerveja.

Rachel Cusk nasceu no Canadá, em 1967. Viveu nos Estados Unidos até 1974, ano em que a família regressou ao país de origem, a Inglaterra. É autora de seis romances, entre os quais *Saving Agnes*, com que se estreou em 1993 e que recebeu o Whitbread First Novel Award, e *Country Life*, distinguido com o Somerset Maugham Award. *Arlington Park* é o seu único livro traduzido em português. Em 2003, foi incluída na lista dos melhores jovens romancistas britânicos da *Granta*. «Rescaldo» foi escrito em 2010, acabando por dar origem a um novo livro, *Aftermath: On Marriage and Separation*, publicado em 2012.

Ricardo Felner, português nascido em Maputo, em 1976, tem dois filhos e é jornalista. Trabalhou no jornal *Público* e na revista *Sábado*. Publicou dois livros sobre imigração em Portugal, editados pela Fundação Calouste Gulbenkian. A estreia na ficção aconteceu com o romance *Herói no Vermelho*, publicado em 2011. É autor do blogue gastronómico «O Homem Que Comia Tudo».

Simon Gray nasceu em Inglaterra, em 1936. Durante a Segunda Guerra Mundial viveu em Montreal, no Canadá, ao cuidado dos avós. Distinguiu-se sobretudo como dramaturgo e argumentista, tendo escrito cerca de quarenta peças de teatro, guiões televisivos e argumentos para cinema. Publicou cinco romances e oito volumes de memórias e diários. Em 2004, recebeu a Ordem de Comandante do Império Britânico, pelo seu contributo para o teatro e a literatura.

«Diário de um fumador» foi escrito em 2003, e seguiu-se a publicação em livro da trilogia *The Smoking Diaries* (2004-2008). Simon Gray morreu em 2008.

Ryszard Kapuściński nasceu na Polónia, em 1932. Foi um dos mais importantes jornalistas do século XX e, entre 1958 e 1991, trabalhou como repórter e correspondente em cerca de cinquenta países. Testemunhou vinte e sete revoluções, esteve em doze frentes de guerra e foi condenado à morte quatro vezes. O seu primeiro livro, *Busz po polsku* («O Arbusto Polaco») foi publicado em 1962, e desde então escreveu mais de vinte obras, entre as quais *O Imperador*, *Andanças com Heródoto* e *Os Cínicos Não Servem para Este Ofício*. Escreveu para dez números da *Granta*. «Esboço para um livro» foi escrito em 1987. Ryszard Kapuściński morreu em 2007.

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola, em 1971, tendo chegado a Portugal ainda criança. Poeta, artista plástico e cantor, distingue-se sobretudo como romancista. *o nosso reino* (2004) foi o seu primeiro romance. Alcançou notoriedade com *o remorso de baltazar serapião*, vencedor do Prémio Literário José Saramago 2007. *A Máquina de Fazer Espanhóis* foi distinguido com o Prémio Portugal Telecom 2012 para o melhor romance, e na mesma edição o escritor recebeu o Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa.

Rui Cardoso Martins nasceu em Portalegre, em 1967. É autor dos romances *E Se Eu Gostasse Muito de Morrer*, *Deixem Passar o Homem Invisível* (Grande Prémio APE 2009) e *Se Fosse Fácil Era para os Outros*. É também repórter internacional, cronista do jornal *Público* (distinguido com dois prémios *Gazeta*) e um dos fundadores das Produções Fictícias, sendo co-autor de *Herman Enciclopédia* e *Contra-Informação*. No cinema, escreveu os argumentos de *Zona J* e *Em Câmara Lenta*.

Orhan Pamuk nasceu em Istambul, em 1952, cidade onde vive. Escreve regularmente desde 1974, sendo autor de uma dezena de livros, entre

os quais *Istambul*, *A Cidadela Branca*, *Os Jardins da Memória*, *Neve* ou *O Museu da Inocência*. É professor na Universidade de Columbia, onde ensina Literatura Comparada e Escrita. Os seus livros já receberam inúmeros prémios e distinções e estão traduzidos em dezenas de línguas. «Gente famosa» foi escrito em 1999. Orhan Pamuk recebeu o Prémio Nobel da Literatura em 2006.

Valério Romão nasceu em França, em 1974. Já em Portugal, licenciou-se em Filosofia. Foi por três vezes seleccionado no concurso nacional Jovens Criadores (2000, 2001, 2002), duas em prosa, uma em poesia. Tem escrito contos, peças de teatro e feito traduções. Colabora regularmente em projectos multidisciplinares. Publicou em 2012 o seu primeiro romance, *Autismo*.

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa a 13 de Junho de 1888 mas passa boa parte da juventude em Durban, onde recebe uma educação inglesa. Desde cedo demonstra talento para as Letras, e a intensa actividade literária que desenvolve faz dele um dos autores cimeiros da língua portuguesa e do século XX. Desdobra-se em múltiplas personalidades literárias, os heterónimos, autodenominando-se «um drama em gente». Cerca de metade dos trinta mil papéis que deixou inéditos continuam por editar.

Vera Tavares nasceu em Lisboa, em 1972. É licenciada em História de Arte pela Universidade Nova de Lisboa e frequentou cursos de desenho e de ilustração na Ar.Co. Trabalhou cerca de três anos como directora de arte numa agência de *marketing* directo. É *designer* da Tinta-da-china desde o nascimento da editora, em 2005. Ilustrou o livro infantil de Tatiana Salem Levi, *Curupira Pirapora*, editado pela Tinta-da-china em 2012.

GRANTA

Direcção de Carlos Vaz Marques

Eu

Dizemos «eu» a todo o momento, mesmo quando julgamos estar a enunciar verdades universais. A primeira pessoa do singular é o ponto de partida literário por excelência. Dele emerge, nos melhores casos, um olhar capaz de nos restituir o mundo a partir de um ponto de vista inaugural, permitindo-nos questionar e reavaliar não apenas o que nos rodeia e o que vemos, mas acima de tudo aquilo que somos.

Sonetos inéditos de
Fernando Pessoa

Textos de
Saul Bellow, Dulce Maria Cardoso, Hélia Correia,
Afonso Cruz, Rachel Cusk, Ricardo Felner,
Simon Gray, Ryszard Kapuściński, Valter Hugo Mãe,
Rui Cardoso Martins, Orhan Pamuk, Valério Romão

Ensaio fotográfico de
Daniel Blaufuks

Ilustrações de
Vera Tavares

REVISTA SEMESTRAL



EAN: 9772182913010